



UFMG

Há quem diga, não sem alguma razão, que datas são marcos um tanto arbitrários, com os quais nós, os humanos, tentamos ordenar o fluxo voraz do tempo. Ao nomear uma data, como os 80 anos que ora comemoramos, imaginamos impor três limites ao tempo: a singularidade de uma origem, a clarividência do presente e o desenho de um futuro. Assim procedendo, nós nos opomos ao tempo que os gregos chamavam de *Cronos*, a passagem indiferenciada e enlouquecida das horas, e nos acercamos ao tempo concebido como *Kayrós*, o tempo vivido, o tempo duradouro, onde cabe a todos nós a tarefa de uma construção, construção de uma vida, construção de um mundo.

Filhas do tempo, como tudo o que é humano, é no tempo que as universidades são forjadas, é no tempo que se desenvolvem, é no tempo que, por vezes, se perdem, e é no tempo, enfim, que são, permanentemente provadas. Se voltarmos o nosso olhar para a Universidade Federal de Minas Gerais, à qual pertencemos, o que os seus tempos nos contam? Um quadro do pintor Gentil Garcez, hoje no 4.º andar da Biblioteca Central, reproduz a cena da promulgação da lei 956, de 7 de setembro de 1927, que criou a então Universidade de Minas Gerais. A que tradição os inúmeros professores ali reunidos davam início? Se, da distância em que nos encontramos, nós os interrogássemos, o que ouviríamos? É o Reitor Mendes Pimentel, o primeiro Reitor da UFMG, que nos responde na aula inaugural desta casa. Dizia ele, então:

“Uma Universidade, para que mereça o nome, tem de ser um centro de propagação de cultura pela formação de indivíduos aptos para a atividade material e mental no ambiente nacional. Não basta isso: é imprescindível que seja um núcleo de permanente elaboração científica, que constantemente enriqueça o cabedal humano com o aumento do bem-estar físico e do patrimônio moral. Mais: deve ser uma instituição nacional, e, até certo ponto, local, para refletir as características do povo que a mantém e para acudir às necessidades peculiares do meio em que trabalha.”

Este foi o sonho nas origens e devemos perguntar se continua a ser o nosso sonho. São a estes valores, presentes na fundação da UFMG, que devemos permanecer fiéis? A vocação maior desta Casa, conforme manifestada em 1927, continua inalterada? Continuamos a conjugar a busca de uma crescente qualificação acadêmica, valor que nos aproxima das grandes universidades espalhadas pelo



UFMG

mundo, com a fidelidade à terra e à gente brasileira, valor que nos singulariza? Para além da materialidade dos bens tangíveis, prédios e salas de aula, laboratórios e bibliotecas, para além dos regulamentos e órgãos, dos cursos e profissões, podemos falar de um ethos da instituição, de um ethos da Universidade Federal de Minas Gerais?

Porque uma universidade não é um conjunto de prédios, o que é evidente, mesmo para o engenheiro que os constrói. Não é, igualmente, a soma dos laboratórios, do maquinário cada vez mais dispendioso, cada vez mais essencial. Não é, também, o acervo bibliográfico, não importa o quão rico seja, com que conta. Não é, do mesmo modo, a totalidade dos seus regulamentos e nem o seu ordenamento jurídico. Não é um campo de profissionalização, a modo de uma empresa, onde as pessoas recebem qualificação ou trabalham e produzem. Não é nem mesmo o lugar onde alguns conhecimentos específicos encontram abrigo. Prédios passarão, serão substituídos por outros melhores, equipamentos darão lugar a novos equipamentos, bibliotecas caducarão, regulamentos nunca dão conta da dinâmica da vida, profissões são fugazes e conhecimentos, como bem sabemos, não duram para sempre. É certo que se não contarmos com cada um desses requisitos não teremos uma universidade. Mas, mesmo que contemos com todos, não teremos ainda uma universidade. Obrigados, então, à busca das coisas intangíveis, se nos voltamos para os nossos 80 anos, o que eles nos entregam? Que herança recebemos? Que herança devemos tornar nossa?

Talvez o primeiro dos valores desta herança seja a confiança irrestrita no valor do conhecimento, a confiança no exercício desinibido da racionalidade. Aqui nos distanciamos de quaisquer autoridades, substituídas que são pela atividade livre e democrática da reflexão e do debate. Reflexão e debate, dos quais, por princípio, ninguém pode ser excluído. Voluntariamente compromissados com uma razão sempre aberta, sempre em construção, nos opomos ao consolo fácil, e falso, das idéias prontas, dos slogans e das palavras de ordem.

A defesa da liberdade, a resistência à opressão é outro valor que tem marcado nossa história. No campo político, em mais de uma ocasião, quando os tempos eram brutalmente cinzentos, esta Casa deu seguidas provas de altivez e serenidade. Mesmo quando da perseguição e tortura de professores, de alunos e de funcionários, mesmo diante das mortes, a UFMG não capitulou. A cada intromissão que se anunciava,



UFMG

correspondia o gesto corajoso da resistência. Reitores aqui presentes, em especial Aluísio Pimenta e Eduardo Cisalpino, foram timoneiros a quem a Instituição muito deve e de quem todos nos orgulhamos. Por outro lado, internamente, a Universidade tem sabido garantir a livre manifestação de idéias, o direito à diversidade e à especificidade dos campos de conhecimento.

Temos aprendido, ao longo desses oitenta anos, que a universidade não é uma ilha. Aqui estamos atentos aos lugares a que pertencemos. Somos de Belo Horizonte, somos de Montes Claros, somos de Minas Gerais, somos do Brasil. Não faltamos com nossa palavra e com nossas ações sempre que as circunstâncias o exigiram. Cada vez mais estamos conscientes que não seremos uma grande universidade num País empobrecido, bem como sabemos que sem grandes universidades não seremos um grande País. São estes os valores que atravessam nossa história e, certamente, neles continuamos a nos reconhecer. Entretanto, valores, quando efetivos, devem ser capazes de enfrentar o material que o tempo, a cada momento, apresenta. É neste embate com o tempo que os valores são provados, daí decorre sua robustez.

Hoje, o tema das relações entre universidade e sociedade, tema recorrente na história da instituição, apresenta uma complexidade adicional. Há os que aí vêm um dilema. Dois são os grupos que assim pensam. Um primeiro grupo defende que a universidade deve se manter indiferente às demandas provenientes do contexto que a cerca. Entendem que a universidade depende, para o seu desenvolvimento, de um cinturão protetor, capaz de imunizá-la contra quaisquer pressões externas. Voltada para si mesma, confinada na autoreferência, só teria a ganhar. Um segundo grupo, por sua vez dividido em dois sub-grupos, insiste na subordinação da universidade. Subordinação aos interesses decorrentes do mercado, às urgências dos problemas mais imediatos ou subordinação ao que preconiza a impaciência ideológica.

Temos nos oposto a ambas as posições. Não vamos nos isolar na autoreferência, nem tão pouco nos submeter ao mercado ou a ideologias. Defendemos que os valores da excelência acadêmica e da relevância social, longe de se excluírem mutuamente, se exigem. É este o princípio com o qual procuramos nortear nossas ações. Empregamos os mesmos esforços no desenvolvimento de programas de pós-graduação cada vez mais densos e na construção de programas geradores de inclusão. Os esforços para que venhamos a estar entre as 100 melhores universidades do mundo (nós que ora estamos no grupo das 500 melhores) têm a mesma natureza



UFMG

dos esforços que estão nos levando a propor para a universidade um sólido e qualificado programa de crescimento de nossas matrículas de graduação. A chamada sociedade do conhecimento, expressão com a qual as sociedades contemporâneas têm sido designadas, apresenta sucessivos desafios à universidade, seja no que diz respeito à associação entre cidadania e domínio do conhecimento, seja no que diz respeito ao lugar ocupado pelo conhecimento no desenvolvimento dos países.

Outro dos nossos desafios, este mais interno, diz respeito à maneira como a universidade organiza o conhecimento. Prossegue ainda entre nós a rotina das disciplinas, das especializações, das formações mais fechadas. Mesmo com as iniciativas decorrentes do programa de flexibilização, já próximas de completar 10 anos, nossa universidade é ainda acanhada no que diz respeito às possibilidades decorrentes dos espaços pluri e meta disciplinares. Há hoje mais conhecimento disponível do que formações capazes de canalizar este conhecimento. Temos tido iniciativas importantes, tais como, entre outras, aquelas implementadas pelo Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT) e pelos novos doutorados multidisciplinares. O Centro de Referência em Ciências Humanas, sediado na FAFICH, que agrupará pesquisadores de áreas distintas em torno da temática do público, certamente constitui um exemplo promissor. Sua implementação contará com nosso empenho.

É preciso que saibamos cultivar, em larga escala, o gosto por uma universidade mais diversificada. Talvez tenhamos hoje uma universidade bem mais uniforme que o desejável. Devemos evitar a fragmentação em pequenos grupos, opacos uns aos outros. É preciso que contrabalancemos esta tendência, advogando em favor da dimensão pública da razão, da razão que a todos diz respeito, da razão que a todos pode educar. Mas a cada um destes desafios, e a tantos outros que, esperamos, venham a surgir, a Universidade Federal de Minas Gerais, esta jovem senhora que ora completa 80 anos, saberá responder. 80 anos que cada um de nós percorrerá, encantado, no doce roteiro sentimental do Álbum de Figurinhas, comemorativo desta data, mais um trabalho dedicado, sempre de alto nível, desta grande historiadora, minha companheira, a Vice-Reitora Heloisa Starling. O álbum permite constatar a natureza coletiva da construção desta Universidade. A relevância nacional e a inserção internacional qualificada da UFMG, que hoje celebramos, deve ser creditada ao trabalho de professores, funcionários e alunos, liderados pelos reitores que nos precederam. Aos reitores aqui presentes, Aluísio Pimenta, Eduardo



UFMG

Cisalpino, Celso Pinheiro, Cid Veloso, Vanessa Guimarães Pinto, Tomaz Aroldo, Francisco César Sá Barreto e Ana Lúcia Gazzola, soma-se a longa tradição que teve início com o Reitor Mendes Pimentel, em 1927.

Encerro, dizendo que, aqui nesta Casa, continuaremos a crer que a história humana, mesmo que marcada, tantas vezes, pela dor e pela injustiça, encerra uma fonte inesgotável de sentido, cuja decifração, sempre parcial e limitada, seria impossível sem a aventura do conhecimento. Debruçados sobre a realidade da vida de homens e mulheres, continuaremos a insistir que a sociedade em que vivemos está ainda demasiadamente aquém da medida humana, aquém do que precisa vir a ser. Continuaremos a nos opor a esta mistura sedutora de astúcia e cinismo que, aludindo a uma suposta força das coisas, desencoraja qualquer transformação. Guimarães Rosa um dia escreveu “o mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não são sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando”. Pois bem, que seja este o destino da Universidade Federal de Minas Gerais, que ela não seja sempre igual, que ela nunca se dê por terminada.

Muito obrigado.